

GEAE

GRUPO DE ESTUDOS AVANÇADOS ESPÍRITAS

BOLETIM GEAE | ANO 24 | NÚMERO 568 | FEVEREIRO DE 2017

Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade" Allan Kardec



Grupo de Estudos Avançados Espíritas - GEAE

Primeiro Grupo Espírita da Internet

Conselho Editorial:

Carlos Alberto Iglesia Bernardo
José Cid
Raul Franzolin Neto
Renato Costa
Sérgio Freitas

Os boletins e informações sobre utilização do material do GEAE encontram-se no site: <http://www.geae.net.br>

Editorial

O artigo “Jesus entre as mulheres” aborda as dificuldades vividas pelas mulheres desde tempo remoto, mas os ensinamentos de Jesus mostram que tanto os homens quanto as mulheres estão sujeitos às mesmas Leis de Deus. O amor é o melhor caminho a seguir.

Carlos Iglesia, nosso editor, apresenta a segunda parte de um conto espírita envolvendo a relação dos animais com os homens.

Em 1887, Kardec já definia grandes entraves no avanço do espiritismo no mundo, mesmo ainda no início da jornada, apenas 10 anos. Cento e sessenta anos depois, a intolerância e o preconceito religioso e científico ainda são evidentes, porém ele continua avançando sempre e nada mais poderá detê-lo, como meio do grande projeto de ordem Superior para a humanidade, a Terra Regenerada.

Qualquer comentário será bem-vindo ao GEAE: editor@geae.net.br

Sumário

Jesus entre as mulheres: ensinamentos que não podem ser esquecidos – Rubens Santini

Um conto espírita (II) – Carlos A. Iglesia Bernardo

Olhar retrospectivo sobre o movimento espírita – Allan Kardec



Jesus entre as mulheres: ensinamentos que não podem ser esquecidos

Rubens Santini

I – Jesus quebrou a tradição judaica

Em Lucas (Capítulo 8, v. 1 a 3) menciona que Jesus quando pregava o Evangelho do Reino de Deus, quando ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, era sempre seguido por diversas mulheres: Maria Madalena, Marta, Maria de Betânia, Salomé, Joana e Susana.

Nos evangelhos canônicos vemos que o papel das mulheres está restrito a servir e serem as ajudantes de homens, em comum acordo com a tradição judaica. Na época, as mulheres judias não tinham nenhuma participação nas atividades do culto no Templo.

Com a descoberta dos textos gnósticos em Nag Hammadi, deserto do Egito, em 1945, vemos que a realidade é bem outra. Jesus, ao contrário, as acolhia e falava de igual para igual, considerava-as como pessoas inteiras, sobretudo quando são desprezadas (como veremos na passagem com a samaritana, e a mulher adúltera).

Esta igualdade que ele pregava entre homem e mulher chocava até os discípulos, provocando ciúmes e preconceitos.

Ele falava abertamente com as mulheres. Jesus passava os seus ensinamentos, independente do sexo. Não era algo exclusivo dos homens, como era na tradição judaica da época.

Jesus trouxe uma mensagem revolucionária para a mulher. Mas, nos primórdios da Igreja, estes ensinamentos não foram passados adiante. A sua mensagem sobre o potencial feminino que existe tanto no homem quanto na mulher se perdeu.

No livro “Pão Nosso”, ditado por Emmanuel à Chico Xavier, ele fala que com Jesus iniciou o legítimo feminismo.

Mas, o que havia nas palavras de Jesus que fazia estas mulheres o seguirem, vencendo o preconceito da época?

Jesus pregava Amor e Libertação.

II – Jesus rompe preconceitos com a samaritana

O encontro de Jesus e a samaritana é uma das passagens mais ricas e belas dos Evangelhos e foi narrada em João, Capítulo 4 v. 6 a 30:

Estava ali a fonte de Jacó, numa localidade da Samaria, e Jesus cansado de uma viagem, assentou-se junto à fonte. Era quase a hora sexta (meio-dia). Vendo uma mulher samaritana tirar água, Jesus lhe disse:

“Dá-me de beber”. Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimento.

Disse a mulher samaritana: “Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim samaritana?” Pois os judeus não se davam com os samaritanos. Rivalidade antiga.

Vemos aqui, que Jesus quebrou dois preconceitos da época: o primeiro, pois um judeu não se comunicava com os samaritanos. O segundo, em conversar com uma mulher em público, e ainda mais quando ela está sozinha. Isto não era permitido pelas leis judaicas.

Mais adiante Jesus fala:

“Todo aquele que beber desta água tornará a ter sede, mas aquele que beber a água que eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna.”

Aqui Jesus está anunciando o Reino de Deus. E a água que matará eternamente a sede é o Seu Amor, libertando as pessoas dos seus preconceitos.

O que encanta nessa passagem evangélica é a forma carinhosa e respeitosa no tratamento de Jesus com a samaritana, pois para os judeus religiosos os samaritanos eram uma raça de impuros.

Mais adiante, Jesus revela à mulher:

“Mas vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão Deus em Espírito e Verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura. Deus é Espírito e aqueles que O adoram devem adorá-lo em Espírito e Verdade”.

Aqui Jesus ensina que não precisa de imagens nem de rituais para verdadeiramente amar ao Pai.



III – Jesus promulga uma nova Lei com a mulher adúltera

Em mais uma armadilha armada pelos escribas e fariseus, estes levaram até Jesus uma mulher “surpreendida” em adultério. Esta passagem é narrada em João (Capítulo 8, v. 2 a 12).

“Mestre - disseram-lhe - esta mulher foi surpreendida em flagrante delito de adultério. Na lei, Moisés nos prescreveu apedrejar tais mulheres. E tu, o que dizes?”

As autoridades judaicas viviam criando situações como estas para testar os ensinamentos de Jesus, para ver se não ia em contradição com o que pregou Moisés.

Jesus, porém, se abaixou e passou a escrever com o dedo no chão.

Mas, eles insistiam para saber a opinião do Mestre...

Jesus conhecendo o que se passava em seus corações, erguendo -se disse:

“Aquele dentre vós que nunca pecou atire-lhe a primeira pedra.”

Abaixou-se novamente e continuou a escrever no chão.

Os acusadores foram surpreendidos com a sábia resposta de Jesus, e foram se retirando desapontados.

Vendo que não sobrou ninguém, perguntou à mulher:

“Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?”

“Ninguém, Senhor” – respondeu ela.

Disse-lhe Jesus: “Nem eu te condeno. Vai e não tornes a pecar.”



Há uma lei do Antigo Testamento, no livro Levítico, capítulo 5 v. 10: “Se um homem cometer adultério com a mulher de seu próximo serão mortos o adúltero e a adúltera,”

E por que o homem que estava com a mulher, não estava ali para também ser julgado? Afinal ela foi flagrada em adultério com alguém!

Jesus demonstrou muita astúcia e coragem ao agir desta forma em seu julgamento. Conseguiu controlar a raiva e o preconceito daquelas pessoas.

A lei de Moisés dizia que a adúltera deveria morrer.

A lei de Jesus, alicerçada no Amor, dizia que ela deveria viver.

Foi um grande ensinamento de Misericórdia e Amor ao Próximo.

Se errarmos, devemos ter sempre uma nova oportunidade para reparação. Faz parte do nosso aprendizado.

IV – Madalena: a discípula favorita de Jesus

Por que Jesus, quando ressuscitou, apareceu primeiramente à Madalena? E não a Pedro, como queria a Igreja. Ou à sua mãe? Vemos no Evangelho de João, Capítulo 20, v.11 a 18 o relato sobre esta aparição.



Nos textos gnósticos encontrados em Nag Hammadi (1945) e, em outro texto descoberto numa necrópole em Tebas no Egito - Pistis Sophia – mostra que Madalena desempenhou um papel muito importante entre os apóstolos devido a sua capacidade intelectual, sua lucidez e por ter tido diálogos, e obtidos ensinamentos privilegiados, com Jesus, causando grande ciúme entre os apóstolos. Era um relacionamento Mestre-Discípulo.

A pergunta efetuada pelos apóstolos ao Mestre “Por que a amas mais que a todos nós?” está no Evangelho de Felipe encontrado em Nag Hammadi.

Maria Madalena era a discípula favorita de Jesus. Geralmente era ela quem fazia as perguntas mais profundas e respondia com rapidez as questões mais complexas mencionadas pelo Mestre. Vemos numa passagem de Pistis Sophia:

Em determinado momento, Maria pede permissão a Jesus para discursar a respeito de um ensinamento que Ele acabara de dar, e Jesus replica:

“Maria, abençoada seja tu, aquela a quem vou aperfeiçoar em todos os mistérios que estão nas regiões superiores. Discursa livremente, pois teu coração está elevado ao reino dos céus mais do que qualquer um dos teus irmãos”.

Madalena também tinha a capacidade de fortalecer os ânimos dos apóstolos, logo após a crucificação de Jesus. Esta passagem está no Evangelho de Maria, um dos textos encontrados em Nag Hammadi, onde após a aparição de Jesus ao grupo de apóstolos, pedindo para que fossem pregar o Evangelho:

Um dos apóstolos diz: “Como ir até os pagãos e anunciar o Evangelho do Reino do Filho do Homem?”

Eles não o pouparam, como eles nos poupariam?”

Então Maria se levantou, ela os beijou a todos e disse a seus irmãos:

“Não fiquem pesarosos e indecisos, porque Sua graça vos acompanhará e vos protegerá; em vez disso louvemos Sua grandeza, porque Ele nos preparou. Ele nos convida a sermos plenamente Homens

(Antrophos).”

Com estas palavras Maria fez com que seus corações se voltassem para Jesus. E eles começaram a discutir sobre o que o Salvador havia falado. ”



V – O óbolo da viúva e Sebastião, um catador de lixo reciclável

E sentado em frente ao Tesouro do Templo, observava como a multidão lançava pequenas moedas no Tesouro, e muitos ricos lançavam muitas moedas. Vindo uma pobre viúva, lançou duas moedas, isto é, um quadrante. E chamando a si os discípulos, disse-lhes: “ Em verdade eu vos digo que esta viúva que é pobre lançou mais do que todos os que ofereceram moedas ao Tesouro. Pois todos os outros deram do que lhe sobrava. Ela, porém, na sua penúria, ofereceu tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver.” (Marcos, Cap. 12: v. 41 a 44)



Nesta passagem evangélica, Jesus quis mostrar o exemplo da verdadeira caridade. A viúva abriu mão do pouco que tinha, pois sabia que existiam outras pessoas mais necessitadas do que ela. Como ela já devia ter passado por diversas privações, por não ter o básico, estava doando realmente com o coração. E é isto que Jesus quis mostrar: ela pensava mais nos outros do que em si própria mesmo sabendo que este dinheiro iria lhe fazer falta.

Para exemplificar esta parábola nos nossos dias atuais, temos o Sebastião Pereira Duque, que há 24 anos puxa a sua carroça pelas ruas de Olinda (Pernambuco

– Brasil) a procura de lixo reciclável. Praticamente com pouco estudo, a vida foi muito difícil para ele. Com esta atividade digna e honesta, conseguiu educar seus 7 filhos. Além disso, mesmo com os poucos recursos que tem, conseguiu construir uma pequena escola para 75 crianças, de 2 a 6 anos, para a comunidade onde vive. Sua solidariedade para com a sua comunidade não ficou só na escola. O Sebastião também construiu pequenas moradias (barracos) onde já abrigou 8 famílias. Ainda arruma um tempo para consertar muletas e cadeiras de rodas para quem necessita.

Sebastião está vivenciando na prática no Reino de Deus pregado por Jesus.



V - Fontes bibliográficas utilizadas como pesquisa

(1) “Bíblia de Jerusalém” – Edições Paulinas

(2) “O Evangelho segundo o Espiritismo” – Allan Kardec - FEB

(3) “Mulheres do Evangelho” – pelo Espírito Estevão através do médium Robson Pinheiro – Ed. Casa dos Espíritos

(4) “Jesus e as mulheres” – Françoise Gange – Ed. Vozes

(5) “Jesus e as mulheres hoje” – Eliete Gomes

(6) “Adeus à morte sacrificial – repensando o cristianismo” – Meinrad Limbeck – Ed. Vozes

(7) “Boa Nova” – pelo Espírito de Humberto de Campos através do médium Chico Xavier

(8) “História do medo no Ocidente” – Jean Delumeau – Ed. Companhia das Letras

(9) “Maria Madalena – o lado feminino da divindade” – Elizabeth Clare Prophet e Annice Booth – Ed. Nova Era

(10) “O Evangelho Gnóstico de Tomé - o verdadeiro cristianismo como foi ensinado por Jesus” – Hermínio C. Miranda – Ed. Lachâtre.

(11) “O Evangelho de Maria – Miryan de Mágdala” – traduzido e comentado por Jean-Yves Leloup – Ed. Vozes

(12) “A Biblioteca de Nag Hammadi – A tradução completa das Escrituras Gnósticas” – James M. Robinson – Ed. Madras



Um conto Espírita (II)

Carlos Alberto Iglesia Bernardo

Artigo publicado no Blog L´avenir: <http://lavenir.educacao.ws>

A comunidade estava transtornada, pequeno bairro rural, formado em sua maioria por casas e chácaras de famílias antigas na região, jamais havia visto caso igual. Nas ruas e comércio só se falava na tragédia, o pavor insuflado pelas notícias de eventos semelhantes em grandes centros urbanos.

O valente mastim encontra-se amedrontado e perdido, embora muito inteligente, suas limitações naturais de alma ainda jovem nas trilhas da evolução, não lhe possibilitavam compreender toda a extensão do que ocorrera. Não percebia que não estava mais ligado a um corpo físico e continuava buscando refúgio em seu antigo canil, ao lado da casa de fazenda, que seu dono o treinará para guardar com toda a ferocidade possível.

Sentia dor profunda, não pelos ferimentos que pareciam ter sumido, mas pela sua incapacidade de compreender porque seu dono, a quem devotava extrema afeição e fidelidade, o tinha impiedosamente tratado e apontado para ele sua arma de caça. Não atinava, em sua inocência canina, que a rudeza de seu dono fora cobertura para nefasto crime no qual ele, seu fiel mastim, fora usado como disfarce.

A percepção do tempo lhe escapava, assim, não conseguia se orientar, se tudo ocorrera naquele momento ou muito atrás.

Estava encolhido em seu canto, quando vê se aproximar um homem de intensa luminosidade. O mastim empertigou-se, amedrontado, se defenderia contra novos maus tratos, mas tocado pela luminosidade, se sentiu alvo de imensa ternura. Não havia hostilidade no homem e

acanhadamente o mastim deixou-se ser conduzido por ele.

Nova vida se abriu para o nobre animal, tornou-se parte de uma matilha que seguia aqueles seres luminosos por vales sombrios e os ajudava a resgatar homens e mulheres em condições de extrema penúria espiritual. A matilha ia com a benemérita caravana em suas excursões socorristas e lhe dava escolta contra os perigos das regiões mais sombrias do plano espiritual.

Não poucas vezes o valente mastim afastou seres de aparência horrorosa que tentavam impedir que algum pobre espírito fosse recolhido. Não atacava ninguém, pois compreendia que outra era sua missão, apenas usava sua imponente presença para estabelecer a ordem.

Sua valentia, sua natural predisposição para servir e a inteligência que se lhe desenvolvia cada vez mais, granjearam-lhe o respeito de socorristas e socorridos. Muitos que passaram pela experiência de serem salvos com sua ajuda, o visitavam com frequência e traziam-lhe mimos de afeto que lhe refrescavam as dores profundas que insistiam em atormentar seu coração.

Nos momentos de descanso, em que se recolhia no canil, junto a instituição espiritual a que pertencia sua matilha, sonhava com seu antigo dono, revia o momento derradeiro em que se encontraram, ele com a arma que lhe apontava ameaçadoramente. Não era raiva que sentia nestes sonhos, muito menos ódio, era um sentimento profundo de dor, de incompreensão, de saudade do afeto do dono, a quem ainda se ligava por profunda devoção.

Seguia assim o curso de sua existência espiritual, espírito animal no intervalo

entre existências, quando seu novo dono, o espírito que o resgatara no canil da fazenda, vem busca-lo.

É conduzido a um recinto onde se encontram vários outros espíritos em solene reunião, conhece a quase todos, menos a um menino que se aproxima dele. Fato que o assusta muito, a medida que o menino se aproxima, modifica-se e toma a forma do ancião que havia atacado ao toma-lo por invasor da fazenda de seu antigo dono.

São as palavras que o ancião pronuncia que o acalmam, não atina com o significado, mas o afeto com que são ditas o conquista. O ancião lhe diz:

“Não tema meu amigo, sei que não tivestes culpa no incidente que nos tirou a vida de ambos. Eu e teu antigo dono tínhamos compromissos mútuos muito antigos. Eu lhe devia orientação para sanar a ganância extrema que lhe incuti em outras existências. Ele devia me amparar na velhice e aproveitar de minha experiência para reajustar seus rumos. Mas, ele deixou-se iludir novamente pela sede de bens terrestres e trilhou o caminho mais difícil.

Sabe agora que errou e esforça-se para melhorar, mas em condições muito mais dolorosas do que seriam necessárias sem o erro cometido.

Ele precisa de nós para finalmente sair do poço de culpa em que se lançou e te venho buscar para me ajudar na tarefa. Vamos libertá-lo e ele nos libertará por sua vez, para que possamos os três seguir adiante.

Você me guiará no novo encontro com ele e nós seremos todos grandes amigos pelo futuro afora.”

O bem estar imenso que se apoderou do mastim, a suavidade com que estas

palavras, que não compreendia, penetravam em seu coração, o colocaram em sono profundo, do qual só veio a despertar em novas roupagens terrenas.

Renovado e cheio de energia, o antigo mastim, agora Totó, um adorável filhote, brincava alegremente com seus irmãos de ninhada, quando correndo para pegar uma bolinha, encontrou-se de frente com João, que estava escolhendo o cachorrinho que seus pais lhe prometeram.

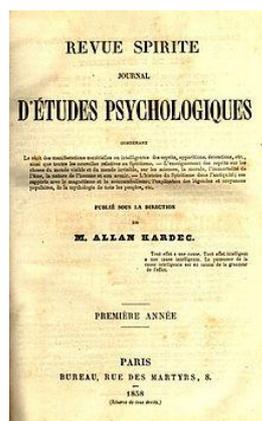
Foi uma ligação à primeira vista, João não largou mais o cãozinho e o cãozinho não o largou mais. Os pais e os donos da ninhada comentavam sempre que se

encontravam, que aquilo era um caso extraordinário, parecia destino.

Muita Paz,
Carlos A. I. Bernardo

Imagem: Dog (banco de imagens: pixabay.com)

Nos tempos da Codificação



Olhar Retrospectivo sobre o Movimento Espírita

Allan Kardec

Como já dissemos desde o começo, o Espiritismo ligou a si todos os homens nos quais estas ideias estavam, de certo modo, no estado de intuição. Bastou-lhe apresentar-se para ser compreendido e aceito. Imediatamente recolheu por toda parte onde encontrou o terreno preparado

Não resta dúvida a ninguém, tanto para os adversários quanto para os partidários do Espiritismo, que esta questão, mais que nunca, agita os espíritos. Será esse movimento um fogo de palha, como alguns

fingem dizer? Mas esse fogo de palha já dura quinze anos e, em vez de se extinguir, sua intensidade só faz aumentar de ano para ano. Ora, não é este o caráter das coisas efêmeras e que só se dirigem à

curiosidade. O último levante com que esperavam sufocá-lo apenas o reavivou, superexcitando a atenção dos indiferentes. A tenacidade desta ideia nada tem que possa surpreender quem quer que haja sondado a profundidade e a multiplicidade das raízes pelas quais se liga aos mais graves interesses da Humanidade. Os que se admiram apenas viram a superfície; a maioria só o conhece de nome, mas não lhe compreendem o objetivo, nem o alcance.

Se uns combatem o Espiritismo por ignorância, outros o fazem precisamente porque lhe sentem toda a importância, pressentem o seu futuro e nele vêem um poderoso elemento regenerador. Há que se persuadir de que certos adversários estão perfeitamente convertidos. Se estivessem menos convencidos das verdades que ele encerra, não lhe fariam tanta oposição. Sentem que o penhor de seu futuro está no bem que faz. Fazer ressaltar esse bem aos seus olhos, longe de os acalmar, é aumentar a causa de sua irritação. Tal foi, no século XV, a numerosa classe de escritores copistas, que de bom grado teriam queimado Gutemberg e todos os impressores. Não seria demonstrando os benefícios da imprensa, que os ia suplantar, que os teria apaziguado.

Quando uma coisa está certa e é chegado o tempo de sua eclosão, ela marcha a despeito de tudo. A força de ação do Espiritismo é atestada por sua persistente expansão, malgrado os poucos esforços que faz para se expandir. Há um fato constante: os adversários do Espiritismo consumiram mil vezes mais forças para o abater, sem o conseguir, do que seus partidários para o propagar. Ele avança, por assim dizer, só, semelhante a um curso d'água que se infiltra através das

terras, abre uma passagem à direita, se o barram à esquerda, e pouco a pouco mina as pedras mais duras, acabando por fazer desabarem montanhas.

Um fato notório é que, em seu conjunto, a marcha do Espiritismo não sofreu nenhuma interrupção; ela pôde ser entravada, reprimida, retardada em algumas localidades por influências contrárias; mas, como dissemos, a corrente, barrada num ponto, aparece em cem outros; em vez de correr em abundância, divide-se numa porção de filetes. Entretanto, à primeira vista, dir-se-ia que sua marcha é menos rápida do que foi nos primeiros anos. Deve-se concluir que o abandonam? que encontra menos simpatia? Não; mas simplesmente que o trabalho que ele realiza neste momento é diferente e, por sua natureza, menos ostensivo.

Como já dissemos, desde o começo o Espiritismo ligou a si todos os homens nos quais estas ideias estavam, de certo modo, no estado de intuição. Bastou-lhe apresentar-se para ser compreendido e aceito. Imediatamente recolheu por toda parte onde encontrou o terreno preparado. Uma vez feita essa primeira colheita, restavam os terrenos incultos, que reclamavam mais trabalho. É agora através das opiniões refratárias que se deve fazer a luz, e é o período em que nos encontramos. Semelhante ao mineiro que retira sem esforço as primeiras camadas de terra móvel, chegou à rocha que é preciso rebentar e no seio da qual só pouco a pouco pode penetrar. Mas não há rocha, por mais dura que seja, que resista indefinidamente a uma ação dissolvente contínua. Sua marcha é, pois, ostensivamente menos rápida, mas se, num dado tempo, não congrega tão grande

número de adeptos francamente confessos, não abala menos as convicções contrárias, que caem, não de um golpe, mas pouco a pouco, até que a brecha esteja feita. É o trabalho a que assistimos, e que marca a fase atual do progresso da doutrina.

Esta fase é caracterizada por sinais inequívocos. Examinando a situação, torna-se evidente que a ideia ganha terreno diariamente e se aclimata; encontra menos oposição; riem menos e os mesmos que ainda não a aceitam, começam a lhe conceder foros de cidadania entre as opiniões. Os espíritas já não são mostrados a dedo, como outrora, e vistos como animais curiosos; é o que constatarem sobretudo os que viajam. Por toda parte encontram mais simpatia ou menos antipatia pela coisa. Não se pode negar que não haja nisto um progresso real.

Para compreender as facilidades e as dificuldades que o Espiritismo encontra em seu caminho, há que se observar a diversidade das opiniões, através das quais deve abrir passagem. Jamais se impondo pela força ou pelo constrangimento, mas só pela convicção, ele encontrou uma resistência mais ou menos grande, conforme a natureza das convicções existentes, com as quais podia assimilar-se mais ou menos facilmente, sendo recebido de braços abertos por umas, e repellido com obstinação por outras.

Dois grandes correntes de ideia dividem a sociedade atual: o espiritualismo e o materialismo. Embora este último forme uma incontestável minoria, não se pode esconder que tomou grande extensão desde alguns anos. Um e outro se fracionam numa porção de nuances, que se podem resumir nas principais categorias seguintes:

1º – Os fanáticos de todos os cultos. – 0.

2º – Os crentes satisfeitos, com convicções absolutas, fortemente decididos e sem restrições, embora sem fanatismo, sobre todos os pontos do culto que professam e com o qual estão satisfeitos. Esta categoria também compreende as seitas que, por terem aberto cisão e operado reformas, se julgam de posse de toda a verdade e, por vezes, são mais absolutas do que as religiões-mãe. – 0.

3º – Os crentes ambiciosos, inimigos das ideias emancipadoras, que lhes poderiam fazer perder o ascendente que exercem sobre a ignorância. – 0.

4º – Os crentes pela forma que, por interesse, simulam uma fé que não têm, e quase sempre se mostram mais rígidos e mais intolerantes que as religiões sinceras. – 0.

5º – Os materialistas por sistema, que se apoiam numa teoria racional e na qual muitos se obstinariam contra a evidência, por orgulho, para não confessar que puderam enganar-se; são, em maioria, tão absolutos e intolerantes em sua incredulidade quanto os fanáticos religiosos em sua crença. – 0.

6º – Os sensualistas, que repelem as doutrinas espiritualistas e espíritas, temerosos de que elas os venham perturbar em seus prazeres materiais. Fecham os olhos para não ver. – 0.

7º – Os indiferentes, que só vivem para o hoje, sem se preocupar com o futuro. Em sua maior parte não saberiam dizer se são espiritualistas ou materialistas. Para eles o presente é a única coisa séria. – 0.

8º – Os panteístas, que não admitem uma divindade pessoal, mas um princípio espiritual universal, no qual se confundem as almas, como as gotas no oceano, sem

conservarem a sua individualidade. Esta opinião é um primeiro passo para a espiritualidade e, por conseguinte, um progresso sobre o materialismo. Embora um pouco menos refratários às ideias espíritas, os que a professam são, em geral, muito absolutos, porque neles é um sistema preconcebido e racional, e muitos não se dizem panteístas senão para não se confessarem materialistas. É uma concessão que fazem às ideias espiritualistas para salvar as aparências. – 1.

9º – Os deístas, que admitem a personalidade de um Deus único, criador e soberano senhor de todas as coisas, eterno e infinito em todas as suas perfeições, mas rejeitam todo culto exterior. – 3.

10º – Os espiritualistas sem sistema, que, por convicção, não pertencem a nenhum culto, sem repelir nenhum, mas que não têm qualquer ideia fixa sobre o futuro. – 5.

11º – Os crentes progressistas, vinculados a um culto determinado, mas que admitem o progresso na religião e o acordo das crenças com o progresso das ciências. – 5.

12º – Os crentes insatisfeitos, nos quais a fé é indecisa ou nula sobre os pontos dogmáticos, que não lhes satisfazem completamente a razão, atormentada pela dúvida. – 8.

13º – Os incrédulos por falta de melhor, dos quais a maior parte passou da fé à incredulidade e à negação de tudo, por não terem encontrado, nas crenças com que foram embalados, uma sanção satisfatória para a sua razão, mas nos quais a incredulidade deixa um vazio penoso. Seriam felizes se pudessem enchê-lo. – 9.

14º – Os livres-pensadores, nova denominação pela qual se designam os que

não se sujeitam à opinião de ninguém em matéria de religião e de espiritualidade, que não se julgam atrelados pelo culto em que o nascimento os colocou sem o seu consentimento, nem obrigados à observação de práticas religiosas quaisquer. Esta qualificação não especifica nenhuma crença determinada; pode aplicar-se a todas as nuances do espiritualismo racional, tanto quanto à mais absoluta incredulidade. Toda crença eclética pertence ao livre-pensamento; todo homem que não se guia pela fé cega é, por isto mesmo, livre-pensador. A este título os espíritas também são livres-pensadores. Mas para os que podem ser chamados os radicais do livre-pensamento, esta designação tem uma acepção mais restrita e, a bem dizer, exclusiva; para estes, ser livre-pensador não é apenas crer no que vê: é não crer em nada; é libertar-se de todo freio, mesmo do temor de Deus e do futuro; a espiritualidade é um estorvo e não a querem. Sob este símbolo da emancipação intelectual, procuram dissimular o que a qualidade de materialista e de ateu tem de repulsivo para a opinião das massas e, coisa singular, é em nome desse símbolo, que parece ser o da tolerância por todas as opiniões, que atiram pedra a quem quer que não pense como eles. Há, pois, uma distinção essencial a fazer entre os que se dizem livres-pensadores, como entre os que se dizem filósofos. Eles se dividem naturalmente em: Livres-pensadores incrédulos, que entram na 5ª categoria – 0; e livres-pensadores crentes, que pertencem a todas as nuances do espiritualismo racional – 9.

15º – Os espíritas por intuição, aqueles nos quais as ideias espíritas são inatas e

que as aceitam como uma coisa que não lhes é estranha. – 10.

Tais são as camadas de terreno que o Espiritismo deve atravessar. Lançando uma vista de olhos sobre as diferentes categorias acima, é fácil ver aquelas junto às quais ele encontra um acesso mais ou menos fácil e aquelas contra as quais se choca como a picareta contra o granito. Não triunfará destas senão com a ajuda dos novos elementos que a renovação trará à Humanidade: esta é a obra d'Aquele que dirige tudo e que faz surgirem os acontecimentos, de onde deve sair o progresso.

Os números colocados depois de cada categoria indicam aproximadamente a proporção do número de adeptos sobre 10, que cada um fornece ao Espiritismo.

Se se admitir, em média, a igualdade numérica entre estas diferentes categorias, ver-se-á que a parte refratária, por sua natureza, abrange mais ou menos a metade da população. Como ela possui a audácia e a força material, não se limita a uma resistência passiva: é essencialmente agressiva; daí uma luta inevitável e necessária. Mas esse estado de coisas não pode ter senão um tempo, porque o passado se vai e vem o futuro; ora, o Espiritismo marcha com o futuro.

É, pois, na outra metade que o Espiritismo deve ser recrutado, e o campo a explorar é bastante vasto; é aí que deve concentrar seus esforços e que verá seus limites se ampliarem. Entretanto, esta metade ainda está longe de lhe ser inteiramente simpática; ele aí encontra resistências obstinadas, mas não insuperáveis, como na primeira, da qual a maior parte é devida a prevenções que se apagam à medida que o objetivo e as tendências da doutrina forem mais bem

compreendidas, e desaparecerem com o tempo. Se nos podemos admirar de uma coisa é que, malgrado a multiplicidade dos obstáculos que ele encontra, das ciladas que lhe armam, tenha ele podido chegar em alguns anos ao ponto em que hoje se encontra.

Outro progresso não menos evidente é o da atitude da oposição. Pondo de lado os ataques violentos lançados de vez em quando por uma plêiade de escritores, quase sempre os mesmos, que em tudo só vêem matéria para rir, que ririam mesmo de Deus, e cujos argumentos se limitam a dizer que a Humanidade beira à demência, muito surpreendidos de que o Espiritismo tenha marchado sem sua permissão, é raríssimo ver a doutrina posta em causa numa polêmica séria e sustentada. Em vez disto, como já fizemos notar em artigo precedente, as ideias espíritas invadem a imprensa, a literatura, a filosofia; delas se apropriam sem o confessar, razão por que se vê a todo instante surgir nos jornais, nos livros, nos sermões e no teatro pensamentos que se diriam hauridos na própria fonte do Espiritismo. Por certo seus autores protestariam contra a qualificação de espíritas, mas nem por isso sofrem menos a influência das ideias que circulam e que parecem justas. É que os princípios sobre os quais repousa a doutrina são de tal modo racionais que fermentam numa imensidão de cérebros e transparecem mau grado seu; tocam em tantas questões que, a bem dizer, é impossível entrar na via da espiritualidade sem fazer Espiritismo involuntariamente. É um dos fatos mais característicos que marcaram o ano que acaba de passar.

Disto se deve concluir que a luta acabou? Não, certamente; devemos, ao contrário e mais que nunca, nos manter

em guarda, porque teremos que sustentar assaltos de outro gênero; mas, esperando que as fileiras se reforcem e que os passos à frente também sejam ganhos. Guardemo-nos de crer que certos adversários se dêem por vencidos, e de tomar o seu silêncio por uma adesão tácita, ou mesmo por neutralidade. Persuadamo-nos bem de que certas pessoas, enquanto viverem, jamais aceitarão o Espiritismo, nem aberta nem tacitamente, como existem as que jamais aceitarão certos regimes políticos. Todos os raciocínios para a ele os levar são impotentes, porque não o querem a nenhum preço; sua aversão pela doutrina cresce em razão do desenvolvimento que ela toma.

Os ataques a céu aberto tornam-se mais raros, porque reconheceram a sua inutilidade; mas não perdem a esperança de triunfar com o auxílio de manobras tenebrosas. Longe de adormecer numa enganosa segurança, mais que nunca é preciso desconfiar dos falsos irmãos que se insinuam em todas as reuniões para espiar e, a seguir, deturpar o que aí se diz e se faz; que semeiam sub-repticiamente elementos de desunião; que, sob a aparência de um zelo artificial e por vezes interessado, procuram empurrar o Espiritismo para fora das vias da prudência, da moderação e da legalidade; que provocam em seu nome atos repreensíveis aos olhos da lei. Não tendo conseguido torná-lo ridículo, porque, por sua essência, é uma coisa séria, seus esforços tendem a comprometê-lo, para o tornar suspeito à autoridade e provocar contra ele e seus aderentes medidas rigorosas. Desconfiemos, pois, dos beijos de Judas e dos que nos querem abraçar para nos sufocar.

É preciso imaginar que estamos em guerra e que os inimigos estão à nossa porta, prontos para aproveitar a ocasião favorável e que arrebanharão inteligências no próprio lugar.

Que fazer nesta ocorrência? Uma coisa muito simples: fechar-se nos estritos limites dos preceitos da doutrina; esforçar-se em mostrar o que ela é por seu próprio exemplo e declinar toda solidariedade com o que pudesse ser feito em seu nome e que fosse capaz de desacreditá-la, porque não seria este o caso de adeptos sérios e convictos. Não basta dizer-se espírita; aquele que o é de coração o prova por seus atos. Não pregando a doutrina senão o bem, o respeito às leis, a caridade, a tolerância e a benevolência para com todos; repudiando toda violência feita à consciência de outrem, todo charlatanismo, todo pensamento interessado no que concerne às relações com os Espíritos e todas as coisas contrárias à moral evangélica, aquele que não se afasta da linha traçada não pode incorrer em censuras fundadas, nem em perseguições legais; mais ainda: quem quer que tome a doutrina como regra de conduta, não pode senão granjear estima e consideração das pessoas. Diante do bem a própria incredulidade zombeteira se inclina e a calúnia não pode sujar o que está sem mancha. É nessas condições que o Espiritismo atravessará as tempestades que serão amontoadas em sua estrada e que sairá triunfante de todas as lutas.

O Espiritismo também não pode ser responsabilizado pelas faltas daqueles a quem agrada se dizerem espíritas, como a religião não o é pelos atos repreensíveis dos que só têm a aparência de piedade. Antes, pois, de fazer cair a censura de tais atos sobre um doutrina qualquer, seria

preciso saber se ela contém alguma máxima, algum ensinamento que os possa autorizar ou até os desculpar. Se, ao contrário, ela os condena formalmente, é evidente que a falta é inteiramente pessoal e não pode ser imputada à doutrina. Mas é uma distinção que os adversários do Espiritismo não se dão ao trabalho de fazer; ao contrário, eles se sentem muito felizes por encontrar uma ocasião de o desacreditar com ou sem razão, não se pejudando de lhe atribuir o que não lhe pertence, envenenando as coisas mais insignificantes, em vez de lhes buscar as causas atenuantes.

Desde algum tempo as reuniões espíritas vêm sofrendo certa transformação. As reuniões íntimas e de família multiplicaram-se consideravelmente em Paris e nas principais cidades, em razão mesmo da facilidade que acharam em se formar, pelo aumento do número de médiuns e de adeptos. No princípio os médiuns eram raros; um bom médium era quase um fenômeno; era, pois, natural que se agrupassem em torno dele. À medida que esta faculdade se desenvolveu, os grandes centros se fracionaram, como enxames, numa porção de pequenos grupos particulares, que encontram mais facilidade em se reunir, mais intimidade e homogeneidade em sua composição. Esse resultado, consequência da força mesma das coisas, era previsto. Desde a origem havíamos assinalado os escolhos que, inevitavelmente, deveriam encontrar as sociedades numerosas, necessariamente formadas de elementos heterogêneos, abrindo a porta às ambições e, por isto mesmo, alvo das intrigas, das cabalas, das manobras surdas da malevolência, da inveja e do ciúme, que não podem emanar

de uma fonte pura. Nas reuniões íntimas, sem caráter oficial, é-se mais senhor de si, conhece-se melhor, recebe-se quem se quer; aí o recolhimento é maior e sabe-se que os resultados são mais satisfatórios. Conhecemos bom número de reuniões deste gênero, cuja organização nada deixa a desejar. Há, pois, tudo a ganhar nessa transformação.

Além disso, o ano de 1866 viu se realizarem as previsões dos Espíritos sobre vários pontos interessantes da doutrina, entre outros sobre a extensão e os novos caracteres que devem tomar a mediunidade, bem como sobre a produção de fenômenos susceptíveis de chamar a atenção sobre o princípio da espiritualidade, embora aparentemente estranhos ao Espiritismo. A mediunidade curadora revelou-se em plena luz, nas circunstâncias mais propícias a fazer sensação; desabrocha em muitas outras pessoas. Em certos grupos manifestam-se numerosos casos de sonambulismo espontâneo, de mediunidade falante, de segunda vista e outras variedades da faculdade mediúnica que puderam fornecer úteis assuntos de estudo. Sem ser precisamente novas, essas faculdades ainda estão no nascedouro numa porção de indivíduos; só se mostram em casos isolados e, por assim dizer, se ensaiam na intimidade; mas, com o tempo, adquirirão mais intensidade e se vulgarizarão. É sobretudo quando se revelam espontaneamente em pessoas estranhas ao Espiritismo que chamam a atenção mais fortemente, pois não se pode supor conviência nem admitir a influência de ideias preconcebidas. Limitamo-nos a assinalar o fato, que cada um pode constatar, e cujo desenvolvimento necessitaria de detalhes muito extensos.

Aliás, teremos ocasião de a ele voltar, em artigos especiais.

Em resumo, se nada de muito retumbante assinalou a marcha do Espiritismo nestes últimos tempos, podemos dizer que ela prossegue nas condições normais traçadas pelos Espíritos e que só temos que nos felicitar pelo estado das coisas⁸

Fonte: Kardec, A. Revista Espírita. Ano X. Janeiro de 1867, FEB. Tradução Evandro Noleto Bezerra

Publicações no Boletim GEAE

Envie artigos, textos e comentários ao Conselho Editorial do GEAE pelo e-mail: editor@geae.net.br ; Acesse nossa página (<http://www.geae.net.br>) para maiores informações.